

A presença de elementos do totalitarismo em Donald Trump: uma abordagem a partir de Hannah Arendt

Márcio Malcher¹ - Centro Universitário Assunção, Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade São Judas Tadeu

Resumo

No cenário político atual, o presidente americano Donald Trump tem sido posto como par de líderes totalitários por diversos veículos midiáticos e também por pensadores contemporâneos. Logo, tendo em vista tal panorama, o presente artigo se propõe a examinar tais associações. Dessa forma, confrontando um levantamento documental, realizado em matérias midiáticas nacionais e internacionais, com o referencial teórico de Hannah Arendt, o que se constata é que seu governo não é totalitário, mas possui elementos do totalitarismo. Destarte, conclui-se que a atribuição totalitária a Trump decorre de um erro conceitual e interpretativo sobre o fenômeno, o que reforça a relevância de se revisitar a historicização do conceito de totalitarismo, bem como a obra *Origens do Totalitarismo* (1951) de Arendt a fim de desenvolver estudos atuais sobre governos contemporâneos cujos líderes possuem elementos de afinidade com o pensamento totalitário.

Palavras-chave: Arendt, Nazismo, Política, Totalitarismo, Trump

Abstract

In the current political scenario, the President of the United States of America, Donald Trump, has been equated with totalitarian leaders by different media sources and by contemporary thinkers. Therefore, in view of such a panorama, the present article aims to examine these associations. Thus, correlating a documentary research, carried out in national and international media sources, with the theoretical framework of Hannah Arendt, what can be verified is that Trump's government is not totalitarian, but it holds elements of totalitarianism. Therefore, the conclusion is that the ascription to Trump of totalitarianism derives from a conceptual and an interpretative error on the phenomenon, that reinforces the relevance of revisiting the historicization of its concept as well as Arendt's *The Origins of Totalitarianism* (1951) in order to develop current studies on contemporary governments whose leaders carry elements of affinity to totalitarian thinking.

Key-words: Political Parties; Ideology; Right; Party Programs; Law Projects

¹ Especialista em Filosofia e Pensamento Político Contemporâneos pelo Centro Universitário Assunção-UNIFAI (2019), Psicólogo pela Universidade São Judas Tadeu-USJT (2021) e Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie-UPM (2010). Realiza estudos em Psicologia, Filosofia, Sociologia da Religiões, Pensamento Social Político Contemporâneos.

1. Introdução

Desde que Donald Trump ascendeu ao poder, os leitores estadunidenses têm mostrado revigorado interesse por livros que incorporam o tema do totalitarismo, acarretando um considerável acréscimo nas vendas de tais obras. O maior destaque desde então ficou com o clássico *1984* de George Orwell (1949), pois o aumento de sua vendagem saltou impressionantes 9.500%. Craig Burke, assessor de imprensa da editora americana *Signet Classics*, responsável pela publicação do livro, afirmou: “para colocar o número em perspectiva, nós imprimimos em apenas uma semana mais cópias de ‘1984’ do que vendemos num ano inteiro”¹.

O aumento relatado não foi algo fortuito, senão que ocorreu devido ao pronunciamento da conselheira de Donald Trump, Kellyanne Conway, frente às notícias disseminadas pelos veículos de informação, os quais comprovaram com imagens que a posse presidencial de Trump atraiu uma multidão menor do que aconteceu com seu antecessor, Barack Obama. Sendo assim, como argumento de refutação, a conselheira invocou a expressão “fatos alternativos” para defender a ideia de que não havia menos eleitores de Trump. Dessa forma, automaticamente, houve um comparativo com 1984, pois a obra descreve um governo totalitário que espiona seus cidadãos e os força a acolher versões contraditórias da verdade. Isto é, uma exposição de mundo segundo a qual quem governa quer passar o juízo de que não há uma realidade objetiva, porém aquela que o “partido” queira construir².

Ademais, além da obra distópica de Orwell, outros livros com teor narrativo semelhante tiveram aumento em suas vendas, como foi o caso de *It can't happen here*, de Sinclair Lewis (1935), que retrata a eleição de um presidente autoritário nos Estados Unidos, Admirável novo mundo, de Aldous Huxley (1932), O conto da aia, premiado livro da escritora

canadense Margaret Atwood (1985), e a obra de não-ficção *Origens do totalitarismo* de Hannah Arendt (1951)³.

Nessa conjuntura, o atual presidente dos Estados Unidos tem sido emparelhado a líderes reconhecidamente totalitários ou, pelo menos, considerado como possuindo algumas características semelhantes a eles. Como será visto, diferentes autoridades, de pensadores a políticos, fazem tal associação. Entretanto, tal comparação é pertinente? Donald Trump poderia ser uma personificação, pelo menos em parte, da persona de Adolf Hitler? Ou tal comparação extrapola a conceituação sobre o que pode ser abarcado pela expressão “totalitarismo”?

Tendo em vista discutir tal atribuição, a presente pesquisa apresenta um levantamento documental realizado em materiais jornalísticos nacionais e internacionais que relacionam Donald Trump ao totalitarismo. Apesar de tal associação ser recorrente, será aqui argumentado que o atual presidente americano está muito distante do totalitarismo. O máximo que se pode dizer é que sua conduta apresenta elementos do totalitarismo. O que, de forma alguma, indica que Trump é ou necessariamente virá a ser um líder totalitário.

Destarte, para esclarecimento deste equívoco conceitual, primeiramente, será resgatado as noções de totalitarismo presentes ao longo da história e, adiante, será apresentado o conceito de totalitarismo proposto pela teórica política Hannah Arendt, em sua obra *Origens do totalitarismo* (1951), seguido de uma crítica à conceituação arendtiana. A posteriori, será exibido o resultado de uma pesquisa documental, que contém atribuições de elementos do totalitarismo a Trump e, por fim, a interpretação crítica desse conteúdo será realizada a partir da historicização do totalitarismo, bem como do referencial teórico arendtiano e seus comentadores.

1 Disponível em: <https://baixomanhattan.blogfolha.uol.com.br/2017/02/02/governo-trump-impulsiona-venda-de-livros-sobre-futuro-distopico/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

2 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/22/internacional/1485111258_732145.html. Acesso em: 23 jul. 2018.

3 Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1984-de-orwell-lidera-lista-de-mais-vendidos-nos-eua/a-37268181>. Acesso em: 23 jul. 2018.

2. O totalitarismo e suas derivações

Os que possuem pouca familiaridade com o conceito de totalitarismo, provavelmente, irão atribuí-lo a Hannah Arendt. Contudo, não é fortuita a pertença, pois, por meio da obra *Origens do Totalitarismo*, tal conceito, apesar de já existente desde a década 20 do século XX, é identificado pelos próprios estudiosos com perspectiva ocidental capitalista como o texto instituidor da teoria do totalitarismo, logo toda produção posterior deve ser desenvolvida a partir da conceituação arendtiana. Ademais, com a notoriedade de Stalin extremamente abalada entre as esquerdas, principalmente no mundo acadêmico, o livro de Arendt tornou-se, na prática, incontestável. Sendo assim, ficou no imaginário de muitos que o conceito de totalitarismo foi concebido por Hannah Arendt. Então, mediante os fatos apresentados, antes de apresentar a noção de totalitarismo desenvolvido por Arendt, faz-se necessário uma historicização do termo desde seu surgimento.

O adjetivo totalitário tem sua gênese na Itália da década de 1920, como elemento de oposição ao fascismo. A fim de combater a chegada de Mussolini ao poder, o político liberal Giovanni Amendola publica um artigo de imprensa em 12 de maio de 1923 intitulado “sistema totalitário” e, posteriormente, em outro artigo se referiu ao “espírito totalitário” mediante o arraigamento do fascismo em novas estruturas de poder. Após isso, diversos oponentes de Mussolini passaram a utilizar o termo depreciativo. Em 2 de janeiro de 1925, o socialista Lelio Basso decompôs o adjetivo em um novo *ismo* da política contemporânea: o totalitarismo (Cf. FUENTES, 2006, p. 199).

Na década de 1930, as noções de totalitarismo se difundiram internacionalmente, tanto na Europa quanto na América, devido a eventos político-históricos como a grande depressão, a nova reviravolta na crise do parlamentarismo e, principalmente, a ascensão do nazismo ao poder. Desse modo, tais ocorrências fomentaram um clima histórico propício para a propagação do conceito

que passou a ser associado à ascensão das ditaduras na Europa (*Id., ibid.*, p. 200). Ainda, naquele período, a maioria dos liberais compreendia a política externa soviética como aliada, ou seja, a favor da democracia contra o fascismo. Em março de 1936, o *New York Times* explanou a ideia de totalitarismo; atribuindo-o inteiramente aos regimes de direita – Alemanha, Itália e Paraguai (Cf. RABINBACH, 2006, p.91).

A retórica do antifascismo tornou-se uma língua política franca que eliminou todas as diferenças entre os “progressistas”. Cristãos, socialistas, judeus, comunistas, liberais e até vegetarianos poderiam ligar armas contra o “inimigo comum”. A cultura cotidiana do antifascismo sustentava o clima da percepção polarizada. (*Id., ibid.*, p.90, tradução nossa)

Contudo, posteriormente, políticos e pensadores passaram a realizar aproximações entre a Alemanha e União Soviética (URSS). Desse modo, a assinatura do pacto alemão-soviético de 1939 e a neutralidade da URSS na primeira etapa da guerra foram os ingredientes para a firme elaboração da tese de um totalitarismo bilateral, ou seja, o inimigo totalitário é composto pelo nazismo e o comunismo, ou bolchevismo marrom e o fascismo vermelho que são expressões intercambiáveis da revolução totalitária (Cf. FUENTES, op. cit., p. 207).

Por outro lado, a inserção da URSS na guerra promoveu uma “trégua conceitual”, que permaneceu até o fim da guerra, da inclusão do regime soviético na categoria de governo totalitário.

Apesar da efervescência da literatura antitotalitária no final da década de 1930, a invasão alemã da Rússia em 22 de junho de 1941 e a criação da Grande Aliança rapidamente colocou em espera os argumentos morais e políticos elaborados por ex-comunistas e social-democratas em favor de um entendimento consensual da guerra que ocultou qualquer crítica ao aliado soviético (mesmo o massacre de Katyn de cerca de 15.000 oficiais poloneses poderia ser desculpado se enfraquecesse a unidade aliada que ajudou Hitler). Os comunistas, que apenas dois anos antes haviam sido firmemente anti-intervencionistas, mobilizaram-se agressivamente para a guerra contra o “nazifascismo”. (RABINBACH, op. cit., p.92, tradução nossa)

Assim, até 1945 o termo caiu em desuso. Em parte, isso se deu devido às dificuldades de manejar o conceito frente às histórias recentes. Fuentes, destaca a oscilação do termo utilizado pelo *New York Times* durante e após a II Guerra Mundial:

É isso que emerge da evolução do uso do termo pelo *New York Times* no decorrer da II Guerra Mundial: de 347 casos em 1941, passou para 133 em 1942, 88 em 1943, 85 em 1944 e 145 em 1945. Este último ano já reflete o trânsito da aliança contra o inimigo comum ao novo confronto leste/oeste na cena da guerra fria. Como esperado, essa tendência aumentará nos anos seguintes, quando o conflito entre os dois blocos chamou a atenção do jornal: 205 ocorrências do termo em 1946, 347 (o número mais alto da história) em 1947, 261 em 1948, 230 em 1949 e 245 em 1950, o ano do início da Guerra da Coreia. (FUENTES, *op. cit.*, p. 209, tradução nossa)

No pós-guerra, após o aniquilamento do inimigo comum, a noção de totalitarismo retorna com uma força incomum e como elemento indispensável do discurso ocidental em oposição ao bloco soviético. Assim, a guerra fria consolida o ápice do conceito, o qual, a partir do ocidente, foi útil para desqualificar o inimigo comunista, ressaltando sua natureza antidemocrática e identidade substancial com totalitarismo de direita derrotado em 1945. Logo, o antitotalitarismo do pós-guerra se tornou o elo entre antinazista e anticomunista.

Nessa conjuntura, é imperioso destacar que, desde o pós-guerra, e principalmente desde a década de 1970, o conceito de totalitarismo circundou largamente nos ambientes acadêmicos e na imprensa em todo mundo e posteriormente incluso nos programas de história da maioria dos países ocidentais. No escopo da guerra fria, tal conceito pretende designar certo tipo de regime socio-político, especificadamente os países socialistas, mas que também abrange a Alemanha nazista e ditaduras fascistas. Por tais razões, o século 20 é designado de “o século do totalitarismo”.

Apresentadas as nuances do conceito de totalitarismo, percebe-se que as comparações e associações entre diferentes regimes políticos, bem como de líderes, estão vinculadas, em sua grande medida, às restrições do momento histórico e à mudança de contextos políticos e ideológicos.

A presente sessão, de modo algum, tem por objetivo esgotar o assunto sobre a historicização das noções de totalitarismo. A proposta, tão somente, é demonstrar a elasticidade do termo ao longo da história. E ainda, principalmente, alertar que o conceito de totalitarismo não é unívoco ou linear e muito menos neutro desde sua primeira aparição até os dias de hoje. Por fim, aqueles que queiram se aprofundar no assunto, devem se debruçar sobre as ricas referências aqui citadas.

3. O totalitarismo arendtiano

Hannah Arendt (1906-1975) nasceu na Alemanha e, devido sua origem judaica, deixou o país quando Adolf Hitler assumiu o poder como chanceler em 1933. Após um breve encarceramento, emigrou para Paris e lá permaneceu como apátrida, pois o regime nazista retirou-lhe a nacionalidade. Após alguns anos vivendo nos EUA, conseguiu nacionalidade americana.

Dentre as diversas contribuições de Arendt ao pensamento político e filosófico contemporâneo, certamente se destaca sua análise e conceituação do fenômeno do totalitarismo. O tema é abordado principalmente na obra *Origens do Totalitarismo* (1951), onde a escritora procura compreender como foi possível ocorrer o fenômeno totalitário e quais elementos contribuíram para seu surgimento. Com a publicação de *Origens do Totalitarismo*, Arendt se tornou conhecida internacionalmente por sua abordagem ímpar e provocativa, o que lhe garantiu um lugar entre os pensadores mais profícuos e instigantes do século XX.

No pensamento arendtiano, o fenômeno totalitário foi um evento de ruptura dos critérios políticos e morais tradicionais, demonstrando a própria deterioração da tradição do pensamento político. Segundo Arendt, este foi uma forma de dominação “sem precedentes” na história ocidental. Logo, sua inédita emergência trouxe extrema dificuldade a sua compreensão, tendo em vista sua complexa conexão com os fenômenos sócio-históricos e, em diversos momentos, seus paradoxos estruturais (Cf. DUARTE, 2000, p. 25).

Entre as grandes dificuldades de entender essa mais nova forma de dominação – dificuldades que, ao mesmo tempo, provam que estamos diante de algo novo, e não de uma simples variação da tirania – está o fato de que todos os nossos conceitos e definições políticas são insuficientes para uma compreensão dos fenômenos totalitários, e além disso todas as nossas categorias de pensamento e critérios de julgamento parecem explodir em nossas mãos no momento em que tentamos aplicá-los a eles. (ARENDR, 2008, p. 325)

Ao analisar o totalitarismo, Arendt faz uma exposição dos elementos que se cristalizaram nesse fenômeno: o antissemitismo e o imperialismo. Tal exposição é acompanhada de uma análise da estrutura elementar da dominação e dos movimentos totalitários.

Sobre o antissemitismo, a pensadora relatou a conversão do preconceito social esparso sobre os judeus em uma política legalizada de discriminação. Assim, o antissemitismo passou da ordem particular para a figura do judeu, ou seja, a perseguição e discriminação passaram do âmbito de atitudes pessoais para uma ojeriza do povo judeu em geral.

Os acontecimentos políticos do século XX atiraram o povo judeu no centro do turbilhão de eventos; a questão judaica e o antissemitismo, fenômenos relativamente sem importância em termos de política mundial, transformaram-se em agente catalisador, inicialmente, da ascensão do movimento

nazista e do estabelecimento da estrutura organizacional do Terceiro Reich, no qual todo cidadão tinha de provar que não era judeu ou descendentes de judeus; e, em seguida, de uma guerra mundial de ferocidade nunca vista, que culminou, finalmente, com o surgimento do genocídio, crime até então desconhecido em meio à civilização ocidental. (*Id., ibid.*, p. 20)

À perseguição dos judeus incorpora-se o imperialismo com seu espírito expansionista característico do final do século XIX, suscitando questões tais como: a decadência dos Estado-Nação e suas instituições, o anseio de conquistas de territórios em âmbito global, o racismo como argumento biológico para dominação, a utilização da burocracia como meio de dominação política dos povos conquistados. Tais fatores cooperaram para o sentimento crescente de “superfluidade” dos seres humanos (Cf. DUARTE, *op. cit.*, p. 33). Nesse momento de ascensão do imperialismo, há uma espécie de desintegração e fracasso do sistema dos Estados nacionais.

Arendt desenvolveu, inclusive, um capítulo sobre o imperialismo colonial estritamente europeu, introduzido com as seguintes palavras:

Este livro trata apenas do imperialismo colonial estritamente europeu, que terminou com a liquidação do domínio britânico na Índia. Conta a história da desintegração do Estado nacional, que continha quase todos os ingredientes necessários para gerar o subsequente surgimento dos movimentos e governos totalitários. Antes da era imperialista não existia o fenômeno de política mundial, e sem ele a pretensão totalitária de governo global não teria sentido. Durante esse período, contudo, o sistema de Estados nacionais revelou-se incapaz de elaborar novas normas para o tratamento de assuntos estrangeiros que se haviam tornado assuntos globais e de impor a sua *pax romana* ao resto do mundo. Sua estreiteza ideológica e miopia política conduziram ao desastre do totalitarismo, cujos horrores sem precedentes anularam a gravidade dos eventos ominosos e a mentalidade ainda mais ominosa do período precedente. (ARENDR, 1989, p. 151)

Arendt, em suas análises, pontua claramente que o fenômeno totalitário não é fruto específico do país alemão – como se pudesse ocorrer apenas naquele país ou estivesse destinado a ocorrer ali – mas que poderia acontecer em qualquer outro lugar⁴. O totalitarismo não é a ruptura das tradições alemãs somente; na realidade, é a ruptura das tradições europeias, mas devido ao favorável panorama sócio-histórico ocorreu nas terras alemãs. Segundo ela:

É verdade que a situação na Alemanha se prestava mais facilmente à ruptura do que em qualquer outro lugar. Tudo está relacionado com o desenvolvimento tardio da Alemanha como nação, com os infortúnios de sua história política e com a falta de qualquer tipo de experiência democrática. E está ainda mais relacionado com o fato de que a situação de inflação e desemprego no pós-guerra envolveu mais gente e afetou mais profundamente a Alemanha do que qualquer outro lugar. No entanto, mesmo que fosse mais fácil romper as tradições e os padrões europeus na Alemanha, permanece o fato de que tiveram de ser rompidos, de modo que o que gerou o nazismo não foi nenhuma tradição alemã em si, e sim a violação de toda e qualquer tradição. (*Id.*, 2008, p. 139)

A sustentabilidade dos governos totalitários proveio do apoio das massas⁵. Eles as organizaram politicamente em prol do domínio total. As massas são uma vasta multidão caracterizada pela ausência de interesse comum, diferentemente das classes sociais, que se articulam em torno de objetivos comuns. É justamente entre as massas que os governos totalitários recrutam seus membros. Tais indivíduos haviam sido abandonados pelos outros partidos ou nunca haviam participado da política. Sendo assim, essa parcela da população teria motivos para hostilizar os demais partidos ou serem apáticos em relação à vida política. Exatamente em razão dessa condição amorfa das massas é que o totalitarismo angariou adeptos tão

facilmente, pois estes foram convencidos rapidamente da coerência e superioridade do regime totalitário frente outras alternativas políticas.

As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto. (*Id.*, 1989, p. 361)

Nesse sentido, a propaganda foi fundamental para o convencimento das massas, incutindo no homem-massa a ideologia total. A propaganda totalitária vai além da demagogia política, pois não se basta com a proliferação da mentira, mas permuta a verdade pela mentira. “O que outrora havia sido mera opinião ideológica se converteu no conteúdo vivo da realidade” (*Id.*, 2008, p. 370), ou seja, a ficção torna-se realidade. O sucesso das ideologias totalitárias, no seio das massas deve ser compreendido como mais um fruto da atomização social, bem como do colapso do tecido social:

O preparo triunfa quando as pessoas perdem o contato com os seus semelhantes e com a realidade que as rodeia; pois, juntamente com esses contatos, os homens perdem a capacidade de sentir e de pensar. O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento). (*Id.*, 1989, p. 526)

4 O totalitarismo foi concebido como um acontecimento fruto do mundo moderno e, justamente por isso, Arendt pode admitir o fenômeno do stalinismo como uma vertente de sua tese totalitária (CANOVAN, 1992, pp. 19-20). Contudo, mais adiante, serão apresentadas alguns questionamentos sobre a tese do totalitarismo bilateral, na qual Arendt enquadrava nazismo e comunismo na mesma categorização.

5 Apesar das massas constituírem a categoria central do fenômeno totalitário, esta não era o único elemento. O terreno social que fecundou o regime total também era composto pela ralé, elite e burguesia.

Outro elemento que chama a atenção de Arendt é a falta de razoabilidade do domínio total, que construiu fábricas para a produção de cadáveres sem nem ao menos levar em consideração sua utilidade econômica, haja vista que as deportações foram dispendiosas para o esforço de guerra. O antiutilitarismo de diversas instituições nazistas e soviéticas é peculiar a elas, não sendo encontrado em outras formas de governos ditatoriais e tirânicos. Enquanto estes desejam fins políticos, econômicos ou religiosos bem delimitados territorialmente, o totalitarismo não enxerga fronteiras, pois visa ao domínio total da população terrestre (DUARTE, *op. cit.*, p. 63).

Dentre os fenômenos de dominação destaca-se o terror, pois é um dos elementos imprescindíveis do fenômeno totalitário e por meio dele o mundo deve se tornar um reflexo de suas premissas ideológicas. Assim, faz-se necessário dominar o indivíduo até que ele perca sua espontaneidade e imprevisibilidade, exterminando qualquer espaço vital de liberdade que possa existir entre os homens, ou seja, a liberdade humana deve ser extirpada pela raiz.

Dessa primeira característica do terror totalitário – ou seja, que ele não diminuiu, mas cresce à medida que se reduz a oposição – resultam os dois outros traços principais. O terror que não se dirige contra suspeitos ou inimigos do regime só pode se voltar contra pessoas absolutamente inocentes, que nada fizeram de errado e não tem a menor ideia do motivo de estarem sendo presas, enviadas a campos de concentração ou eliminadas. Disso decorre o outro fator central, a saber, que a paz sepulcral que se espalha pela terra sob a pura tirania ou sob o governo despótico das revoluções vitoriosas, e durante a qual o país pode se recuperar, nunca é concedida a um país de governo totalitário. O terror não tem fim, e por questão de princípio com tais regimes não pode haver paz. (ARENDR, 2008, p. 322)

Logo, aniquilar a liberdade humana consiste na eliminação da capacidade do indivíduo iniciar algo novo. Portanto, é justamente pelo terror que o totalitarismo

domina o homem em sua magnitude, aniquilando sua individualidade para que não haja a mínima atitude libertadora, e nem mesmo o mínimo intento mental de outra realidade que não a totalitária:

Morta a individualidade, nada resta senão horribéis marionetes com rostos de homem, todas com o mesmo comportamento do cão de Pavlov, todas reagindo com perfeita previsibilidade mesmo quando marcham para a morte. Esse é o verdadeiro triunfo do sistema: O triunfo da SS exige que a vítima torturada se deixe levar à força sem protestos, que renuncie e se entregue ao ponto de deixar de afirmar a sua identidade. Não é gratuitamente nem por mero sadismo que os homens da SS desejam a sua submissão. Sabem que o sistema que consegue destruir a vítima antes que ela suba ao patíbulo (...) é, sem dúvida, o melhor para manter um povo inteiro na escravidão, na submissão. Nada é mais terrível que essas procissões de seres humanos que vão para a morte como fantoches. (*Id.*, 1989, p. 506)

O domínio total alcança sua perfeição nos campos de concentração. Eles constituem a mais importante instituição dos regimes totalitários e não somente devido à ultrajante dominação sem precedentes; conforme Arendt, “o domínio total, que procura sistematizar a infinita pluralidade e diferenciação dos seres humanos como se toda a humanidade fosse apenas um indivíduo, só é possível quando toda e qualquer pessoa seja reduzida à mesma identidade de reações” (*Id., ibid.*, p. 506). A verdadeira finalidade dos campos de concentração consiste em “não servirem pra coisa alguma, senão para a destruição da liberdade; e a de não gerarem produto final algum, a não ser a pilha de cadáveres” (DUARTE, *op. cit.*, p. 68). As mais execráveis condições sociais anteriores, como a escravidão, não podem se comparar ao absurdo vivido pelos detentos dos campos de concentração. Os escravos ao menos possuíam um preço e função social, já os detentos eram como “cadáveres vivos”. “O prisioneiro dos campos de concentração deixa de ser alguém com vida pregressa e, no limite, é como se ele nunca houvesse existido” (*Id., ibid.*, p. 69).

Ainda sobre os campos de concentração, Arendt defendeu o seguinte ponto de vista:

Portanto, a ideia corrente de que os campos de concentração bolcheviques constituem uma forma moderna de escravidão, e são no fundo diferentes dos campos de morte nazistas, que funcionavam como fábricas, está errada em dois aspectos. Nenhum senhor escravocrata na história jamais consumiu seus escravos com uma rapidez tão incrível. A diferença de outras formas de trabalho forçado, é um modo de prisão e deportação que corta todos os laços das vítimas com o mundo dos vivos e considera que elas “se extinguem” sob o pretexto de pertencer a uma classe em extinção; ou seja, é justificado exterminá-las porque a morte delas, de qualquer modo, já está predeterminada, embora talvez por outros meios. (ARENDR, 2008, p. 326).

Após percorrida a conceituação, ao menos em seus elementos mais pertinentes aos objetivos deste texto, do totalitarismo arendtiano, serão expostas algumas críticas que pensadores fazem a conceituação proposta por Hannah Arendt. Tais ponderações, apesar de não serem o cerne da pesquisa aqui apresentada, são indispensáveis para melhor compreensão da temática discorrida.

4. Ponderações às concepções arendtianas de totalitarismo

A subseção textual apresentará somente algumas apreciações sobre a concepção arendtiana de totalitarismo. Na realidade, serão demonstradas apenas as críticas concernentes aos propósitos deste trabalho. Caso contrário, fossem elencados todos os questionamentos referentes a Arendt, a pesquisa se tornaria longa e enfadonha, o que ocasionaria a perda de sua finalidade; isto é, a análise de Donald Trump.

Diante disso, alguns podem se questionar: se o cerne do trabalho aqui descrito é Trump, por que elencar as críticas do conceito de totalitarismo proposto por Arendt? A discussão se faz necessária, pois tal conceito não é neutro. Com efeito, consiste numa chave

conceitual amplamente utilizada pela perspectiva do liberalismo capitalista ocidental da política e da questão da liberdade e do Estado. Diante disso, para uma sóbria análise do fenômeno, discorrer sobre a temática é imprescindível.

Dentre as diversas produções intelectuais do período da guerra fria, uma das que obteve maior impacto na batalha de ideologias neste contexto foi o livro *Origens do totalitarismo* de Hannah Arendt, “cuja aparição em 1951 indubitavelmente marca um antes e um depois nesta história e o início de um processo típico dos anos cinquenta, de canonização acadêmica do conceito” (FUENTES, *op. cit.*, p. 211).

Deveras, apesar de aparente homogeneidade e fácil inclusão, devido ao contexto vigente, o livro de Arendt compila textos um tanto heterogêneos produzidos ao longo da década de quarenta, aparentemente, com finalidades outras, com a amálgama do inimigo comum do ocidente – o comunismo. Em outras palavras, textos com outros desígnios foram redirecionados para combater o inimigo do ocidente.

Portanto, é de suma importância ressaltar que a obra de Arendt foi produzida num contexto extremamente ideologizado, pois, naquele momento, os americanos compreendiam o comunismo como irmão gêmeo do nazismo. Ademais, muitos afirmavam que os comunistas eram ainda mais destrutivos do que os próprios nazistas, ou seja, uma ameaça bem maior do que o nazismo. Tais teorias permeavam o imaginário americano e foram reproduzidas maciçamente por pensadores, empresários e principalmente por políticos (Cf. ADLER; PATTERSON, 1970).

Foi assim a opinião de muitos americanos importantes que a Rússia, como a Alemanha antes, varria a Europa em um ataque militar maciço. Lewis H. Brown argumentou que a Rússia “é o pavor de todas as famílias da Europa Ocidental todas as noites quando vão dormir”. Esse sentimento encorajou a

formação da Organização do Tratado do Atlântico Norte e outras alianças regionais. J. Howard McGrath antecipou os argumentos em 1947, quando disse ao Senado: “Hoje é Trieste, Coréia e Manchúria, amanhã é o Império Britânico. No dia seguinte é a América do Sul. E então, quem é tão cego que deixa de ver o próximo passo? “. Em 1948, o secretário de Estado George C. Marshall lembrou sua experiência de assistir “o governo nazista assumir o controle de um país após o outro até que finalmente a Polônia foi invadida em uma operação militar direta “. Suas palavras sugeriam claramente o paralelo com a Rússia do pós-guerra. (*Id., ibid.*, p. 1057, tradução nossa)

Nesse sentido, quando não se percebe as raízes sócio-históricas dos eventos, imaginando que as propostas conceituais são verdades atemporais, pode-se incorrer na produção de uma ideologia. Logo, engana-se quem acredita que a conceituação proposta por Arendt em 1951 está suspensa na realidade, isto é, que seja uma rígida verdade alheia ao contexto histórico e social. Na realidade é o oposto. Tal conceito, apresentado pela autora, deve ser situado, e é assim que deve ser analisado, no contexto da guerra fria. Desse modo, há momentos que falta objetividade da autora, o que, em parte, afeta a “neutralidade” da teórica política; incorrendo na não separação entre sujeito do conhecimento e objeto do conhecimento.

Com efeito, Arendt não possuía uma distância segura para situar a URSS juntamente com a Alemanha, porquanto foi acolhida pelos EUA e lá vivia ao lançar *Origens do Totalitarismo* em 1951. Logo, não poderia ficar isenta na intensa guerra entre capitalismo e comunismo. Assim, ocorrem algumas incoerências na noção de totalitarismo arendtiano, nas quais encontram-se significações e interpretações subjetivas.

O ocultamento de realidades sociais ou forçosas aproximações do nazismo e comunismo para inseri-los dentro do escopo do conceito de totalitarismo soa como uma ideologia a favor do ocidente. Parece que o contexto da guerra fria, em alguns momentos, embotou o senso crítico de Hannah Arendt.

A teórica política procurou associar somente alguns pontos de contato entre Alemanha e URSS sem abarcar as numerosas diferenças. Tomou as similaridades e passou a deduzir toda sua teoria a partir disso, sem considerar o amplo contexto sócio-histórico. Em contrapartida, excluiu outras ditaduras europeias como o fascismo italiano, o franquismo espanhol e o salazarismo português, estes aliados dos EUA; entretanto, reserva um lugar para Índia e China no rol dos totalitários que na época eram aliados da União Soviética. Conforme afirma Losurdo: “a luta entre antitotalitarismo e totalitarismo coincide perfeitamente com a luta entre os dois blocos” (LOSURDO, 2003, p. 60)

Dessa maneira, por um longo período, diversos pensadores passaram a deduzir parte dos eventos da segunda guerra, bem como a guerra fria, por meio de ideias e não da realidade factual. Por conseguinte, até os dias atuais há um ambíguo sentimento em relação a referida obra de Arendt: os de orientação política direitistas atribuem ao clássico *Origens do totalitarismo* uma obra prima, pois, segundo eles, conseguiu comprovar a similaridade entre Alemanha e URSS com excelência; em oposição, tem-se os pensadores com diretrizes de esquerda, ou antidireita, que apontam diversas incongruências e parcialidades na produção arendtiana que forçosamente tece o conceito de totalitarismo bilateral composto por nazismo e comunismo.

Apesar das críticas aqui discorridas, em se tratando do Terceiro Reich, guardadas as devidas ressalvas, a análise de Arendt é sólida e pertinente, pois apresenta uma ampla variedade de fontes, que possui confiabilidade, sobre o nacional-socialismo. Sendo assim, a obra *Origens do Totalitarismo*, ainda que existam controvérsias conceituais, é pertinente para a análise de Donald Trump, pois o comparativo de sua pessoa se faz justamente com líder alemão Adolf Hitler.

Dessa forma, a próxima seção apresentará os fragmentos midiáticos que atribuem supostas características totalitárias a Donald Trump. Posteriormente, será esclarecido que colocar o presidente americano nas fileiras de líderes totalitários constitui um grave erro.

5. As figuras de Donald Trump e Adolf Hitler

Desde os trágicos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, até os dias atuais, qualquer faísca que relembre os horrores do totalitarismo é vista com temor e cautela, principalmente, por formadores de opinião; demonstrando o quão marcado tais eventos ficaram no imaginário social. Diferentemente, do que ocorreu quando o governo do Terceiro Reich estava ascendendo no território alemão em que os meios de comunicação abrandavam seus discursos de ódio e antissemitismo.

Recentemente, o jornal *El País* publicou uma reportagem⁶ destacando diversos tweets feitos pelo escritor Adam Khan que traziam fragmentos de conceituados jornais da época, publicados antes da eleição legal de Adolf Hitler, minimizando o conteúdo dos discursos violentos do líder alemão.

Em novembro de 1922, o *The New York Times* publicou: “Várias fontes confiáveis confirmam que o antissemitismo de Hitler não é tão autêntico nem violento como soa. Usando esse tipo de propaganda, conseguiu atrair massas de seguidores e mantê-los estimulados”⁷.

Meses antes do partido de Adolf Hitler chegar ao poder, o jornal americano *The Republican*, em 1931, conjecturava: “Os nazistas podem parecer selvagens, mas é provável que sejam mais práticos quando governarem”⁸.

Em 1932, o *The New York Times* afirmava que os nazistas seriam moderados no poder.

Entre os centristas alemães está se estendendo a sensação de que os nazistas deveriam ser incluídos no Governo antes que sua força cresça ainda mais. Argumentam que uma vez que os nazistas participem do Governo se moderarão e, ao mesmo tempo, será contida sua ascensão política porque conforme são as coisas, verão que é impossível manter muitas das promessas que fizeram durante sua recente campanha eleitoral. Se *Herr* Hitler se tornar o fator dominante numa coalizão de Governo na Prússia, marcará um ponto alto no movimento fascista, que passou de uma piada para se converter no principal poder político do Reich⁹.

Por conseguinte, na contemporaneidade, é razoável que haja certa cautela por parte dos veículos de comunicação para que os mesmos erros não sejam repetidos. O estado de alerta permeia o cenário mundial sempre que surge um líder político que apresente semelhanças com líderes totalitários. Sendo assim, com avanço da campanha política de Donald Trump, galgada em seu discurso autoritário e antidemocrático, mais sua pessoa era associada à uma liderança totalitária.

Diferentemente de alguns jornais contemporâneos a Adolf Hitler, a BBC por meio de Mark Mardell¹⁰ alertou quanto à ascensão de Donald Trump não ser desdenhada:

E há mais uma coisa sobre o Grande Ditador. O homem que quase comandou o mundo [Adolf Hitler] foi por algum tempo motivo de piada. Então, quando nós voltamos para o candidato republicano à Presidência americana Donald Trump em busca de lições sobre essa grande sombra, não tem nada a ver com imigração e nacionalismo ou o tratá-lo como uma pessoa horrorosa, mas sobre subestimar ou superestimar alguém. Em cada estágio da ascensão de Hitler ao poder, sábios comentaristas declararam que sua jornada havia chegado ao fim –

6 Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479303355_100230.html> Acesso em: 27/07/2018.

7 *Ibid.*

8 *Ibid.*

9 *Ibid.*

10 Estudou política na Universidade de Kent e atualmente é apresentador do programa *The world this weekend* na BBC rádio 4, localizada em Londres.

o carismático arrivista havia dado um passo maior que a perna. Mesmo pouco antes de sua nomeação como chanceler alemão, Hitler era caçoado como pouco sofisticado, um demagogo sem habilidades que havia chegado o mais longe que podia. Nacionalistas (não nazistas) e o *establishment* diziam que, uma vez no poder, ele seria imobilizado pelos burocratas. Ele até poderia incendiar as massas, mas os adultos o controlariam. Um desdém similar da mídia e os principais políticos americanos os levou a calcular mal o apelo de Trump, seu poder persistente e sua crua habilidade¹¹.

Além disso, pensadores contemporâneos como Noam Chomsky¹² afirmaram relações de semelhanças entre os dois políticos.

Toda vez que Trump faz um comentário agressivo contra algo, sua popularidade sobe. Porque é baseado em ódio. Ódio e medo. Isso me faz lembrar de algo desagradável: a Alemanha pouco tempo atrás [em referência ao nazismo]. Foi do cume da civilização ocidental às profundezas da história humana. Não digo que é idêntico, mas há similaridades.¹³

Entretanto, o que de fato há de semelhança entre Trump e Hitler? Pois bem, por meio de uma pesquisa nos meios de comunicação, procurou-se reunir os fragmentos que apontavam para os possíveis elementos de associação entre ambos. Nesse levantamento, foi percebido uma confluência apontada para os seguintes aspectos: (a) o nacionalismo, (b) o racismo, (c) o discurso de ódio, (d) os discursos messiânicos em tempos de crise, (e) as narrativas simplificadas, repetidas e, em muitos momentos, falsas, (f) a superioridade da raça branca, (g) a antidemocracia e (h) a violação dos direitos humanos.

Desse modo, nas subseções seguintes, serão apresentadas as similaridades elencadas acima a partir das evidências reunidas, sem, no entanto, a presunção de fazer uma análise exaustiva das fontes, mas apenas de ilustrar esses elementos de contato entre as duas figuras.

5.1 Nacionalismo

Donald Trump, em seu discurso de posse, manteve o lema salvador e nacionalista de sua campanha presidencial: *Make America Great Again*¹⁴.

Juntos, tornaremos a América forte novamente. Vamos fazer a América rica novamente. Nós faremos América orgulhosa outra vez. Vamos fazer a América segura novamente. E sim, juntos, nós faremos a América grande outra vez. Obrigado. Deus te abençoe. E Deus abençoe a América¹⁵. (Tradução nossa)

Assim, o jornalista português José Couto Nogueira produziu duas colunas interessantíssimas sobre a posse do novo presidente estadunidense. Na primeira¹⁶, transcreveu o discurso de posse de Donald Trump atribuindo-o a Adolf Hitler, também em posse governamental, e somente revelou a inversão no último parágrafo do seu texto. Aqueles que não tiveram conhecimento do discurso do presidente americano acreditaram que tais palavras eram do chanceler alemão devido ao forte nacionalismo e exaltação à pátria mãe.

A coluna repercutiu de tal forma nas redes sociais que José Couto Nogueira se viu na obrigação de explanar seus argumentos em um segundo texto¹⁷. De imediato, esclareceu que havia trocado os oradores propositalmente para comprovar as semelhanças entre os dois líderes.

¹¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37735694>> Acesso em: 10/08/2018.

¹² Linguista, filósofo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano. Atualmente é professor Emérito em Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

¹³ Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/o-que-os-pensadores-mais-influentes-do-mundo-pensam-de-donald-trump.html>> Acesso em: 29/07/2018.

¹⁴ Tornar a América Grande Novamente (Tradução nossa).

¹⁵ Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/01/20/politics/trump-inaugural-address/>> Acesso em: 13/08/2018.

¹⁶ Disponível em: <<https://24.sapo.pt/opiniao/artigos/discorso-de-adolf-hitler-ao-tomar-posse-como-chanceler-da-alemanha>> Acesso em: 13/08/2018.

¹⁷ Disponível em: <<https://24.sapo.pt/opiniao/artigos/hitler-nao-e-trump-e-1933-nao-e-2017-mas-temos-mesmo-a-certeza-que-a-historia-nao-se-repete>> Acesso em: 09/08/2018.

Trump disse aquilo que Hitler e tantos outros ditadores sempre dizem: que tem um desígnio nacional, acima da política podre e dos políticos incompetentes ou corruptos, e que esse desígnio é proporcionar ao povo uma vida melhor. “Os políticos de Washington prosperaram” enquanto o povo sofria – tal como Hitler dizia que os políticos da república democrática de Weimar não queriam saber do problema do desemprego dos trabalhadores alemães. Só Trump sabe o que o povo quer – daí que tenha ganho as eleições – e só ele sabe como satisfazer os seus desejos. O que ele pretende é colocar os interesses do seu país acima dos interesses de todos os outros países, com os quais só fará alianças não na base do interesse mútuo, mas com o objetivo de ganhar mais do que eles: “*America First!*” Isto não soa terrivelmente semelhante ao slogan do nacional-socialismo, “*Deutschland Über Alles?*” Aliás, será uma coincidência (ou não será?) que “*América First!*” também era o motor dos americanos que não queriam que os EUA atacassem a Alemanha hitleriana¹⁸.

Claramente, vê-se a semelhança entre as duas figuras políticas no discurso de posse em prol de suas nações.

Em fevereiro de 2017, a revista *ISTOÉ* produziu uma longa reportagem comparativa entre Donald Trump e Adolf Hitler. No fragmento abaixo destaca-se o discurso nacionalista xenófobo de ambos os líderes.

Em março de 1933, o Terceiro Reich foi oficialmente proclamado na Alemanha. Poucos dias depois, os nazistas, sob o comando de Adolf Hitler, instituíram o boicote a estabelecimentos comerciais judeus e ordenaram a cobrança de pesados impostos para a comunidade judaica. Nos discursos para multidões, o Führer exaltava a superioridade ariana e anunciava como seres inferiores os que não eram nascidos ou tivessem origem germânica. Depois de estigmatizar, Hitler perseguia. Proibiu os judeus de frequentar os mesmos locais dos alemães e vetou a entrada de poloneses na Alemanha.

Em junho de 2016, Donald Trump fez seu discurso de campanha mais incisivo. Criticou latinos sob o argumento de que eles roubavam os empregos dos americanos e os muçulmanos por promoverem o terror. Como um Hitler redivivo, Trump estigmatizou milhões de pessoas, definindo-as como inimigas de uma nação que, para ele, está acima das outras. Em uma palestra realizada em Washington, conclamou os compatriotas a odiar não apenas quem era, mas parecia diferente. Eleito, Trump cumpriu o que prometeu durante a corrida presidencial. Proibiu, como Hitler havia feito oito décadas atrás, a entrada em território americano de cidadãos nascidos em países considerados rivais, enxotando-os para fora dos aeroportos. Nos últimos dias, pessoas do Iêmen, Irã, Iraque, Líbia, Síria, Somália e Sudão foram algemadas, interrogadas e, em alguns casos, mandadas de volta para casa do outro lado do oceano apenas porque possuíam um passaporte que Trump julga inapropriado. Até a quarta-feira 1º, 109 pessoas foram detidas em aeroportos nos Estados Unidos e 721 viajantes com vistos válidos foram impedidos de embarcar em voos para o país¹⁹.

Assim, do mesmo modo que Hitler, Trump, em nome do patriotismo e nacionalismo, desrespeita tratados e acordos internacionais.

Durante a campanha e depois da posse, Trump citou a palavra “reconstrução” um sem-número de vezes. Na ótica oblíqua do novo presidente, para reconstruir é preciso destruir primeiro. Como líder máximo dos Estados Unidos, ele desrespeitou instituições e convenções internacionais. A chanceler da Alemanha, Angela Merkel, telefonou para Trump para explicar que, ao se negar a receber refugiados de guerra em seu país, o presidente rompe com a Convenção de Genebra. Do outro lado da linha, Trump ouviu Merkel até o fim, mas não voltou atrás em sua decisão. O primeiro-ministro da Austrália, Malcolm Turnbull tentou cobrar do americano o cumprimento do compromisso firmado por Barack Obama de acolher parte dos 1,6 mil refugiados que estão nas ilhas do Pacífico e ouviu como resposta apenas o som repentino do fim da ligação²⁰.

18 Disponível em: <<https://24.sapo.pt/opiniaio/artigos/hitler-nao-e-trump-e-1933-nao-e-2017-mas-temos-mesmo-a-certeza-que-a-historia-nao-se-repete>> Acesso em: 09/08/2018.

19 Disponível em: <<https://istoe.com.br/nova-era-do-odio-e-da-intolerancia/>> Acesso em: 08/08/2018.

20 *Ibid.*

Portanto, assim como os líderes totalitários, Trump exalta seu país com um discurso de superioridade frente as demais nações. Inclusive, desrespeitando tratados e acordos estabelecidos pelos seus predecessores.

5.2 Racismo

O racismo é uma característica comumente encontrada em líderes autoritários e antidemocráticos. No caso de Donald Trump, seu racismo e preconceito foi direcionado principalmente aos imigrantes. Uma de suas pautas de plano de governo é a construção do muro na fronteira entre EUA e México. Assim, o professor Manuel Shvatzberg Carrió²¹ relata: “É um monumento racista que desvia a atenção do debate político. Ele [Donald Trump] segue seu instinto plutocrático para criar um objeto grande e brilhante. É simbólico, mas o racismo por trás disso é muito real, cínico, violento e sinistro”²².

A reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* destaca:

Os comentários vulgares do presidente, que chamou nações da América Central e da África de “países de merda” em plena negociação da reforma das leis de imigração, ainda reforçaram essa visão de Trump como um racista, dando munição a detratores da oposição e também de seu próprio partido²³.

Uma coluna do mesmo jornal destaca a palavra “infestação” utilizada por Trump ao se referir a imigrantes.

Basta citar a avaliação de David Leonhardt, editor da “newsletter” de Opinião de *The New York Times*: ele menciona o fato de que Trump usou a palavra “infestação” para se referir à chegada em massa de imigrantes aos Estados Unidos. E emenda que infestação “é

uma palavra particularmente dura porque sugere que imigrantes são equivalentes a insetos ou ratos – uma analogia que os nazistas frequentemente usavam para descrever os judeus.”²⁴

A jornalista Adriana Carranca²⁵ relata a reação e indignação da imprensa com tais discursos e tratamentos, inclusive com a repercussão destes no aumento de comportamentos discriminatórios por parte da população:

O problema com este palhaço em particular é que suas palavras não têm graça. A linguagem que ele usa sobre imigrantes é desumanizante e vil”, escreveu Lawrence Downes em editorial do “*New York Times*”. Em Boston, dois jovens, dizendo-se “inspirados por Trump”, urinaram num homem de rua de origem latina e o atacaram – no início da campanha, o magnata chamou mexicanos de criminosos e estupradores²⁶.

Como efeito de seus discursos, após a posse de Donald Trump, atitudes racistas aumentaram no território americano:

Segundo a Ong americana *Southern Poverty Law Center*, o fenômeno da intolerância ganhou amplitude logo após as eleições de 8 de novembro. Em apenas dez dias, 867 casos de assédio, ódio e intimidação foram registrados nos Estados Unidos, número que pode estar subestimado já que dois terços dos crimes desse tipo frequentemente não são reportados à polícia. Indicadores mostram que, após Trump, os crimes de ódio aumentaram consideravelmente nos Estados Unidos. Os alvos são aqueles que Trump rejeita: muçulmanos, negros e gays.

No novo gabinete presidencial, apenas duas mulheres têm posto de ministro e os latinos foram excluídos pela primeira vez desde 1988. O atual governo conta com o menor número de negros desde a era Ronald Reagan, encerrada há 40 anos²⁷.

²¹ Professor de arquitetura da Universidade Columbia em Nova York.

²² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1952009-muro-na-fronteira-com-o-mexico-e-imagem-util-para-trump-construtor.shtml>> Acesso em: 02/08/2018.

²³ *Ibid.*

²⁴ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2018/06/trump-e-o-cheiro-de-nazismo-no-ar.shtml>> Acesso em: 06/08/2018.

²⁵ Jornalista, repórter e colunista dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Além de colaborar com publicações internacionais. Escreve principalmente sobre conflitos, tolerância religiosa e direitos humanos, enfatizando a condição das mulheres.

²⁶ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/de-hitler-trump-18279073>> Acesso em: 08/08/2018.

²⁷ Disponível em: <<https://istoe.com.br/nova-era-do-odio-e-da-intolerancia/>> Acesso em: 08/08/2018.

Quando o líder máximo de uma nação assume uma postura ostensivamente preconceituosa em relação a raça, gênero, nacionalidade ou qualquer outra distinção, ele valida comportamentos antissociais que outrora estavam latentes na população. Assim, os detentores de tais sentimentos se sentem representados e/ou autorizados a aflorear seus comportamentos violentos.

Por fim, autoridades políticas latinas reagiram contra as atitudes racistas de Trump. Dois ex-presidentes do México, Felipe Calderón e Vicente Fox, compararam o líder americano ao nazista Adolf Hitler. Calderón afirmou que seu discurso anti-imigração é direcionado para “os imigrantes que têm uma cor diferente da pele”. E ainda declarou que Trump está explorando os medos sociais como “o próprio Hitler fez no seu tempo”. Já Vicente Fox, fez comparação semelhante: “Lembra-me Hitler. Foi assim que ele começou a falar”²⁸.

5.3 Discurso de ódio

A proliferação de discursos discriminatórios de Trump tem caracterizado suas falas públicas como discursos de ódio e manifestações de intolerância próprias do nazismo. A revista *ISTOÉ* relata paralelos entre o discurso de Trump e o nazifascismo.

Por mais que pareça um exagero comparar as ações desvairadas do novo presidente americano com um dos períodos mais sombrios da história da humanidade, é inegável que, sob Trump, o mundo está ingressando em uma nova era de intolerância. Fantasmas do passado ressurgiram, vultos tenebrosos do ódio voltaram a ter voz. “Identificar grupos por suas diferenças é perigoso e apenas divide a sociedade”, diz Rob Kuznia, coordenador da Fundação USC Shoah, sediada em Los Angeles e que cuida da memória de vítimas do holocausto e de outros genocídios por meio de vídeos-testemunhos. “Uma forma de exclusão leva a outra e o silêncio da

maioria em face da injustiça concede a permissão de mais atrocidades a seus autores.” Não é preciso muito esforço para encontrar paralelos entre o discurso de Trump e as máximas do nazifascismo²⁹.

Adriana Carranca destaca:

Seu discurso é catalisado por medo, ressentimento e ódio. Pesquisa do NYT/CBS, divulgada quinta-feira, mostrou que os americanos estão mais amedrontados do que nunca desde o 11 de Setembro — 41% acreditam na possibilidade de um novo ataque iminente. Trump lidera a corrida para candidato republicado à Presidência. É difícil prever se disputará o cargo ou se tem alguma chance. Mas o efeito mais nocivo de sua campanha, que não pode ser ignorado, é a toxicidade de suas ideias³⁰.

O peso da discriminação e ódio presentes na fala de uma das principais autoridades políticas do mundo não gera aversão apenas pelo conteúdo dos discursos, mas pelos movimentos e comportamentos que suas ideias incitam dentro do país e em nível mundial.

5.4 Discursos messiânicos em tempos de crise

Normalmente em tempos de crise econômica, surgem indivíduos com discursos salvadores da pátria. Eles articulam falas que apontam os problemas e suas soluções chamando para si a responsabilidade para a resolução da crise. Contraditoriamente, o discurso de Trump ao mesmo tempo que professa ódio, adota esta perspectiva messiânica, de alguém que vem para salvar a população dos perigos e incertezas.

Em 2016, na campanha eleitoral, Donald Trump, diferentemente de outros presidentes, não pediu que o povo americano depositasse sua confiança em no outro ou em Deus, mas sim nele. A revista americana *The Atlantic* destaca o seguinte discurso de Trump:

28 Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/interior/ex-presidentes-do-mexico-comparam-donald-trump-a-hitler-5051894.html>> Acesso em: 09/08/2018.

29 Disponível em: <<https://istoe.com.br/nova-era-do-odio-e-da-intolerancia/>> Acesso em: 08/08/2018.

30 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/de-hitler-trump-18279073>> Acesso em: 08/08/2018.

“Eu sou sua voz”, disse Trump. “Eu sozinho posso conservar isso. Eu restaurarei a lei e a ordem”. Ele não apelou para a oração ou para Deus. Ele não pediu aos americanos para medi-lo contra seus valores, ou para responsabilizá-lo por viver com eles. Ele não pediu ajuda. Ele pediu-lhes para colocar sua fé nele³¹. (Tradução nossa)

O presidente recém-empossado rompeu com dois séculos de tradição política norte-americana, na qual os candidatos reconhecem suas limitações e falibilidades. Logo, pedem ajuda aos seus compatriotas americanos e a Deus para realizar o que não podem fazer por si próprios.

Em entrevista à revista italiana *L'Espresso*, Zygmunt Bauman relata que a população ansiava por um “homem forte”, capacitado de determinação e dotes pessoais para impor, de imediato, soluções rápidas, atalhos e decisões de verdade. Habilmente, Trump construiu sua imagem política repleta dessas qualidades que o eleitorado ansiava:

Para uma sociedade na qual cada vez menos pessoas se lembram, em primeira mão, do que significava viver sob um regime totalitário ou ditatorial, o homem forte – ainda não experimentado – não parece um veneno, mas um antídoto: pelas suas supostas capacidades de saber fazer as coisas, pelas soluções rápidas e instantâneas, pelos efeitos imediatos que ele promete trazer como bagagem à sua nomeação³².

Por fim, o professor Federico Finchelstein³³ afirma que Trump surge como uma alternativa à velha política tradicional. Sua forma de fazer política enfatizou que tanto os Estados Unidos como o mundo passam por uma crise terminal e que somente uma liderança messiânica pode solucionar. Logo, o próprio Trump se apresenta como solução para o caos instalado³⁴.

5.5 Narrativas simplificadas, repetidas e, em muitos momentos, falsas

Em 2015, Donald Trump foi vencedor do prêmio mentira do ano, eleito pela organização apartidária *Politifact*. Segundo a organização, “nenhum outro político tem tantas declarações com uma pontuação tão negativa”³⁵. Sendo assim, a BBC produziu uma reportagem³⁶ descrevendo algumas das inverdades ditas por Trump.

Além disso, Trump repetiu diversas vezes que ao longo do governo antecessor, presidido pelo democrata Barack Obama, era “quase impossível” a permissão de entrada nos EUA de cristãos oriundos do Oriente Médio, e que, por outro lado, os muçulmanos não encontravam empecilhos para a autorização. Entretanto, segundo dados do *Pew Research Center*, no ano de 2016, os EUA admitiram um número próximo de cristãos (37.521) e muçulmanos (38.901)³⁷.

Trump também declarou que parte da crise na segurança pública se dá devido aos imigrantes mexicanos, pois o México, segundo ele, envia criminosos propositalmente para os Estados Unidos como imigrantes ilegais:

O México manda seu povo, mas não manda o melhor. Está mandando pessoas com muitos problemas (...). Estão trazendo drogas, crimes, os esturpadores. Presumo que alguns são bons”, disse o magnata no dia 16 de junho em Nova York. Neste mesmo discurso, Trump afirmou que iria construir um “grande muro” na fronteira entre os Estados Unidos e México. Acrescentou que a obra seria paga pelos mexicanos e que “o México não é nosso amigo”³⁸.

31 Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/07/trump-rnc-speech-alone-fix-it/492557/>> Acesso em: 31/07/2018.

32 Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/562300-trump-e-um-veneno-vendido-como-antidoto-aos-males-de-hoje-entrevista-com-zygmunt-bauman>> Acesso em: 04/08/2018.

33 Professor de história na *New School for Social Research* em Nova York.

34 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1890058-presidencia-de-trump-resume-a-crise-global-da-democracia.shtml>> Acesso em: 09/08/2018.

35 Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36859491>> Acessado em: 31/07/2018.

36 *Ibid.*

37 Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/27/internacional/1485551816_434347.html> Acesso em: 03/08/2018.

38 Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36859491>> Acesso em: 31/07/2018.

Em coluna da revista *Época*, Eugênio Bucci³⁹ diz que Donald Trump tornou-se um símbolo mundial da mentira na política, da repulsa pelos fatos e da torpeza contra jornalistas. O político norte-americano levou mais longe o descompromisso com a verdade e elevou a entonação da agressividade contra a imprensa, dando sinais de ser intolerante àqueles que verificam suas falas e argumentos. Para Trump, patriotas são apenas os que creem nele, somente nele, e sem indagações ou averiguações⁴⁰.

5.6 Superioridade da raça branca

O escritor americano Mark Potok⁴¹, no artigo *The year hate and extremism*, relatou que “A corrida de Trump para a presidência intensificou a direita radical, que viu nele um campeão da ideia de que a América é fundamentalmente um país de homens brancos”⁴².

Os desdobramentos do trágico episódio de *Charlottesville* têm sido o pior entrave ao longo dos seis meses de mandato do republicano. Colocando em xeque, inclusive, sua capacidade para governar. O clima azedou ainda mais após o presidente se pronunciar. Em um de seus discursos, Trump afirmou que “muitos lados” são culpados pelos conflitos na cidade. Mesmo após receber duras críticas por ter amenizado os movimentos que cultuam o ódio, o presidente voltou a polemizar ao dizer que a esquerda também foi muito violenta, assim como que algumas pessoas que marchavam ao lado dos nazistas não eram racistas. A desastrosa fala de Trump provocou abalos para todos os lados. Políticos democratas e republicanos endureceram a oposição ao líder e empresários abandonaram a base governista, ou por receio, ou como retaliação às atitudes de Trump. Especialistas e a imprensa internacional criticaram duramente o presidente americano. Em sua mais

recente edição, a revista britânica *The Economist* publicou um artigo no qual diz que Trump é politicamente inepto, moralmente estéril e temperamentalmente impróprio para o cargo⁴³.

A matéria ainda destaca a crescimento de grupos de supremacia racial. Apesar de já existirem grupos de ódio nos Estados Unidos há séculos (como a *Ku Klux Klan*), a vitória de Trump tem fomentado a expansão dos ideais de segregação e da extrema direita. Em apenas um ano (de 2015 para 2016), o número de grupos de ódio aumentou de 892 para 917. Além disso, durante a campanha presidencial, Trump retransmitiu em seu *Twitter* mensagens de supremacistas brancos. Em uma delas, relatava a falsa notícia de que pessoas negras eram responsáveis por 80% dos assassinatos de pessoas brancas. Com a finalidade de conter a crise, o presidente demitiu Steve Bannon – estrategista chefe de seu governo e dono do site ultradireita Breitbart⁴⁴.

5.7 Antidemocrático/ autoritário

Uma das grandes ferramentas para uma democracia saudável e estável é a livre atuação da imprensa. No entanto, o governo de Trump insiste em desacreditá-la quando há notícias de críticas a sua administração. Logo, há quem compare tal hostilidade à presente no seio do nazismo contra a imprensa liberal alemã dominada pelos judeus.

Na primeira conferência de imprensa da Administração Trump, o porta-voz Sean Spicer acusou a comunicação social de ser mentirosa, hostil e desonesta, só porque provou (com fotos) que havia mais público na tomada de posse de Obama do que na de Trump. A constante hostilidade dos nazis para com a imprensa “liberal, dominada pelos judeus” é um facto histórico conhecido⁴⁵.

39 Jornalista e professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

40 Disponível em: <<https://epoca.globo.com/politica/eugenio-bucci/noticia/2017/01/o-adeus-aos-fatos-e-o-totalitarismo.html>> Acesso em: 08/08/2018.

41 Especialista em direita radical e escritor americano.

42 Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/era-do-odio/>> Acesso em: 07/08/2018.

43 *Ibid.*

44 *Ibid.*

45 Disponível em: <<https://24.sapo.pt/opiniao/artigos/hitler-nao-e-trump-e-1933-nao-e-2017-mas-temos-mesmo-a-certeza-que-a-historia-nao-se-repete>> Acesso em: 09/08/2018.

À revista *L'Espresso*, Zygmunt Bauman disse:

Trump se apresentou como o antídoto às incertezas do nosso tempo, mas é um veneno, defende Zygmunt Bauman, razão pela qual a vitória do empresário estadunidense leva a pressagiar o risco de que os tradicionais mecanismos de tutela democrática sejam substituídos pela “aglutinação do poder em modelos autoritários, até mesmo ditatoriais”⁴⁶.

O professor Federico Finchelstein⁴⁷ relata que relacionado à ruptura dos moldes institucionais tradicionais e as investidas contra a independência do poder judiciário, bem como de outras instituições, Trump atacou ferozmente seus adversários. Inclusive chegou a adotar atitudes racistas para com um juiz. Além do mais, insultou a imprensa independente a quem apresentou como “inimigos do povo”⁴⁸.

Segundo Steven Levitsky⁴⁹, as democracias perecem devido à eleição de presidentes autoritários e afirmou: “Os Estados Unidos falharam em 2016 e espero que o Brasil consiga evitar isso”. Para ele, nos tempos atuais, as democracias não morrem por meio de golpes, mas por meio de indivíduos eleitos que as destroem usando as próprias instituições democráticas. Logo, o meio de não pôr a democracia em risco é não eleger figuras autoritárias⁵⁰.

5.8 Violação dos direitos humanos

Uma das bases da campanha presidencial de Donald Trump foi o recrudescimento da entrada de imigrantes

nos EUA. Logo, assim que assumiu o cargo, decretou o fim do programa *Deferred Action for Childhood Arrivals* (DACA)⁵¹. O programa, do seu antecessor Barack Obama, concedia autorização temporária para trabalhar, morar e dirigir em território americano aos indivíduos que entraram ilegalmente no país quando crianças.

Com Trump, o limite de refugiados reduziu para o menor nível desde a década de 80. Além de aumentar as deportações, o republicano orientou a agência de monitoramento de imigração a realizar fiscalização, sem aviso prévio, em empresas a fim de identificar trabalhadores ilegais⁵².

Além dos imigrantes latinos, os muçulmanos também sofreram fortes sanções no governo Trump. Logo no início de seu mandato, o presidente decretou a proibição temporária de entrada de novos imigrantes de sete países de maioria muçulmana e de refugiados de todo o mundo:

O decreto estabelece uma proibição por tempo indeterminado da entrada de refugiados vindos da Síria. A guerra civil nesse país já deixou quase cinco milhões de refugiados, dos quais os EUA acolheram apenas 12.000, segundo os últimos dados disponíveis. O decreto também proíbe, durante 90 dias, a entrada de cidadãos de diversos países. O texto não os especifica, mas se remete a outra medida aplicável a indivíduos da Síria, Irã, Sudão, Líbia, Somália, Iêmen e Iraque. O veto poderia ser por tempo indeterminado para países que não entregarem informações migratórias solicitadas pelos EUA, o que pode afetar especialmente o Irã, dada a ausência de relações diplomáticas com Washington⁵³.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/562300-trump-e-um-veneno-vendido-como-antidoto-aos-males-de-hoje-entrevista-com-zygmunt-bauman>> Acesso em: 04/08/2018.

⁴⁷ Professor de História na *New School for Social Research* em Nova York.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1890058-presidencia-de-trump-resume-a-crise-global-da-democracia.shtml>> Acesso em: 09/08/2018.

⁴⁹ Cientista político e professor na Universidade de Harvard. Além do mais, atua nos Comitês Executivos do Centro Weatherhead para Assuntos Internacionais e do Centro David Rockefeller para Estudos Latino-Americanos.

⁵⁰ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/eleger-autoritarios-e-risco-a-democracia-diz-professor-de-harvard/>> Acesso em: 01/08/2018.

⁵¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41174409>> Acesso em: 03/08/2018.

⁵² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1952009-muro-na-fronteira-com-o-mexico-e-imagem-util-para-trump-construtor.shtml>> Acesso em: 03/08/2018.

⁵³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/27/internacional/1485551816_434347.html> Acesso em: 04/08/2018.

Apesar do decreto presidencial não especificar confissão religiosa e somente se referir a minorias religiosas, Trump disse que agiria com nepotismo em prol dos cristãos.

Numa entrevista ao canal Christian Broadcasting Network, Trump disse que dará prioridade na solicitação de refúgio a cristãos sírios. A preferência aos cristãos e a exclusão dos muçulmanos poderia ser interpretada como uma medida discriminatória contrária aos valores constitucionais dos EUA, segundo organizações de direitos civis como a ACLU⁵⁴.

Organizações em prol dos direitos humanos criticaram o decreto. “Excluir as pessoas segundo sua nacionalidade – para obter, na prática, um veto baseado na religião – contraria o tecido moral da nossa nação e os nossos interesses de segurança nacional”⁵⁵, relatou Neera Tanden (presidenta da ONG Centro para o Progresso Americano).

A política de inibição da entrada de imigrantes no país elevou-se ao extremo. Sua administração tem separado crianças de seus pais e mães nos presídios de imigração. Segundo o departamento de segurança doméstica, desde outubro de 2017 pelo menos 700 crianças foram retiradas dos responsáveis durante a tentativa de entrar no país ilegalmente e, dentre elas, aproximadamente, cem crianças tinham menos de 4 anos de idade. O número pode ainda ser maior, pois, no mês de abril do ano corrente, os abrigos infantis atingiram 95% de sua capacidade⁵⁶.

Antes, sempre que possível, as famílias eram mantidas juntas em prisões e liberadas enquanto aguardavam a decisão sobre seus casos. Mas, com a política linha-dura de Trump para o tratamento do crime de travessia ilegal, os adultos têm sido denunciados

imediatamente e encaminhados a presídios enquanto aguardam julgamento — assim, são separados dos filhos, que não podem ficar nos estabelecimentos e vão para abrigos⁵⁷.

O secretário de justiça Jeff Sessions defendeu o governo dizendo: “Se você não quer que sua criança seja separada de você, então não a traga à fronteira ilegalmente”. “[Estamos cumprindo] o que requer a lei.” Entretanto, o advogado Spencer Amdur da ACLU (*American Civil Liberties Union*) em entrevista à Folha de S.Paulo disse: “A lei é a mesma há muitos anos, mas nunca antes houve tantos casos de crianças separadas dos pais”⁵⁸.

Hadley Freeman, colunista do jornal inglês *The Guardian*, comparou a separação das crianças latinas ao drama ocorrido com os judeus, onde também diversas crianças foram separadas de seus pais:

Analogias com o nazismo podem não ajudar, mas é impossível para aqueles de nós que somos descendentes de sobreviventes do Holocausto ouvir as gravações de crianças chorando por seus pais e não pensarmos nas crianças judias de nossa família que foram forçadas a se separar de seus pais⁵⁹.

Em reportagem, o jornal *Folha de S.Paulo* destaca que quase 2.000 menores foram separados de suas famílias em apenas seis semanas. Imagens de abrigos lotados e de crianças aos prantos ao serem separadas dos pais circulam pela imprensa. Um áudio revelado pelo site *ProPublica* revela crianças chorando e chamando seus pais. “*Mami! Papá!*”. Perante o choro simultâneo de diversas crianças, um agente da patrulha fronteira fala: “Temos uma orquestra aqui. Só falta o maestro”⁶⁰.

54 *Ibid.*

55 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/05/governo-trump-separa-maes-imigrantes-ilegais-de-seus-filhos-na-fronteira.shtml>> Acesso em: 06/08/2018.

56 *Ibid.*

57 *Ibid.*

58 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/2018/06/trump-e-o-cheiro-de-nazismo-no-ar.shtml>> Acesso em: 06/08/2018.

59 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/eua-nao-vaovirar-campo-de-refugiados-afirma-donald-trump.shtml>> Acesso em: 06/08/2018.

60 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/eua-nao-vaovirar-campo-de-refugiados-afirma-donald-trump.shtml>> Acesso em: 06/08/2018.



Figura 1: <https://www.washingtonexaminer.com/maybe-trump-isnt-hitler-after-all>

6. Discussão: Trump e o totalitarismo

Ao longo do texto foi demonstrado que o totalitarismo não possui uma única definição, ao contrário. Na realidade, consiste em um terreno não aplainado com diferentes conceituações, as quais, em alguns momentos, são contraditórias e ambíguas. No entanto, conforme afirma Rabinbach, os diversos movimentos do totalitarismo, os quais denomina de “momentos do totalitarismo”, possuem uma função política bem estabelecida que incita as oposições contra a obscuridade moral e política. Segundo o autor, não se deve invalidar o conceito, mas sim reafirmá-lo. O que deve ficar evidente é que “o significado que transmite é muitas vezes bem diferente do trabalho retórico realizado invocando a palavra”. Ainda, as discussões sobre o totalitarismo jamais foram uma questão exclusivamente acadêmica; extravasando para um conceito intensamente político (Cf. RABINBACH, *op. cit.*, p.88).

A análise proposta por Rabinbach, de fato, faz sentido no quesito que retoma para o debate as questões políticas próprias de cada período histórico. E mais uma vez, é justamente o que tem ocorrido no cenário atual com a associação de Trump à figura de Hitler. Entretanto, não significa que tais indagações serão respondidas. Na verdade, pode ocorrer o inverso: mais questionamentos e, inclusive, sombreamento de conceituações, até então, já estabelecidas.

Sendo assim, ao invés da aceitação de uma noção lato de totalitarismo para trazer à tona a discussão política, vale revisar a história a fim de tecer soluções frente aos imbróglis. Haja vista que uma das chaves de análise para a compreensão da contemporaneidade se configura tendo o foco no presente sem, no entanto, permitir a negligência dos acontecimentos passados, porquanto os eventos já vivenciados sempre trazem luz para a interpretação da atualidade. Logo, não é destoante analisar o fenômeno Trump a partir dos eventos da Segunda Guerra em diante. Em contrapartida, somente situá-lo, sem sólido embasamento, como uma versão moderna de Hitler, não contribui, efetivamente, para a discussão. Na realidade, traz mais obscuridade, pois além de não esclarecer o fenômeno Trump, confunde, mais uma vez, as noções sobre totalitarismo.

Outra perspectiva consiste em que tal atribuição pode ser compreendida como uma grande intransigência, pois aparentemente classifica o fenômeno forçosamente em uma teorização por não concordar com seus posicionamentos políticos. Ademais, uma simples associação ao totalitarismo parece que propõe uma solução rápida ao novo fenômeno americano, pois o associa a algo já conhecido de todos. Assim, fica fácil compreender a agenda de Trump a partir de teorizações já existentes ao invés de se debruçar sobre as ações do líder político para compreender suas peculiaridades.

Perante o exposto, em vez de classificar Trump sob o rótulo do “totalitarismo”, parece mais produtivo relacionar os elementos do totalitarismo presentes no líder americano, que de fato existem, e compreendê-lo em seus próprios termos, tomando-o como um fenômeno próprio dos tempos atuais e não como uma mera repetição de algo já vivenciado.

Por esta razão, não se pode contrapor a política de Donald Trump, bem como suas políticas direitistas, somente classificando-o como um líder totalitário. Não se contesta ignorância e desvirtuamento dos fatos a partir de atribuições errôneas, pois tal método de refutação terá o mesmo ingrediente do opositor. Assim sendo, cabe aos

pensadores e jornalistas compreenderem, de fato, o fenômeno Trump para, em seguida, rechaçá-lo acertadamente em prol da democracia.

Convém reafirmar que um exame superficial sobre Donald Trump irá colocá-lo nas fileiras de líderes totalitários. Com efeito, conforme foi mostrado ao longo deste texto, a analogia entre Donald Trump e Adolf Hitler não é gratuita. Porém, deve-se ter ciência da gravidade de tal comparação, pois entre ambos há diferenças substanciais que devem ser examinadas para além do senso comum caso não se queira ignorar o rico aporte conceitual acerca do totalitarismo trazido por Hannah Arendt.

De acordo com Roger Berkowitz⁶¹, tendo por base o pensamento arendtiano, Trump não é um totalitário. Entretanto, apresenta elementos do totalitarismo⁶². Sendo assim, apesar do presidente americano não ser um novo representante do Reich, suas políticas de governo têm causado um alerta generalizado, pois há o medo de que seu governo contenha uma forma incipiente de horror que aparentemente tinha ficado no século passado com a extinção dos governos totalitários do século XX, porquanto os discursos de Trump prometem a construção de uma sociedade do tipo ideal, justamente a proposta do totalitarismo.

Por conseguinte, apesar de pontos de contato entre Donald Trump e o fenômeno totalitário, nota-se que o atual presidente dos EUA está longe de ser um líder totalitário. O presidente americano está mais próximo de um líder populista e oportunista que não compreende muito bem – ou propositalmente não pretende entender – as leis e regras de uma democracia moderna, de tal forma que se apresenta de forma autoritária.

Além do mais, o contexto sócio-político contemporâneo dos EUA é extremamente diferente do contexto da

Alemanha entre as duas grandes guerras. Os EUA possuem uma sólida democracia, indissociável das liberdades individuais. Logo, “a pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença” e se faz presente no país americano (ARENDETT, 1981, p. 188). Por outro lado, o totalitarismo é a negação da pluralidade e de liberdades humanas; ou seja, consiste no cume da desumanização do indivíduo, no qual o ser humano não é mais visto como sujeito de dignidade e se torna descartável. Assim, por meio de uma violência ímpar, até então inédita no cenário mundial, o totalitarismo extirpava a espontaneidade das pessoas ocasionando a supressão das formas de liberdade exercidas na sociedade.

De tal modo, por meio da destruição do terreno da política, o fenômeno totalitário fazia do terror uma forma central de relacionamento entre Estado e cidadãos, pois os governos totalitários procuravam controlar todos os aspectos do homem com o intuito da dominação total dos seres humanos pelo terror. Nesse sentido, enquanto o autoritarismo dos regimes autoritários, como observado em Donald Trump, satisfaz-se com a exibição de seu poderio e em controlar os indivíduos externamente, a ideologia totalitária desdobra sua intervenção sobre a vida interior. Por fim, os governos totalitários não são as tiranias em sua potencialidade. São distintos. O fenômeno totalitário suprime os meios de pensamento, de questionamento e de enfrentamento do Estado, ocasionando a paralisia da capacidade de refletir. Logo, não há lucidez para questionamentos sobre a veracidade da ideologia totalitária, ou seja, o fenômeno castrador de liberdades jamais poderá ser posto à prova.

7. Considerações finais

Durante um longo período, políticos e pensadores teceram a ideia nazi-soviética no imaginário dos americanos. Dentre estes, encontra-se Hannah Arendt que contribuiu para

⁶¹ Diretor Acadêmico do Centro Hannah Arendt de Política e Humanidades e Professor Associado de Política, Direitos Humanos e Filosofia no Bard College. Escreve regularmente sobre questões de política, liberdade de expressão, tecnologia e transhumanismo, privacidade, constitucionalismo e Hannah Arendt.

⁶² Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/por-que-se-recorre-a-hannah-arendt-para-explicar-trump/a-37399657>> Acesso em: 10/08/2018.

sedimentar tal conceituação com a sua noção de totalitarismo, na qual inclui Alemanha e URSS no mesmo escopo. Todavia, Benjamin R. Barber e Herbert J. Spiro (1971) publicaram um artigo em torno do que denominaram “usos contra ideológicos” do conceito de totalitarismo. Suas argumentações estão baseadas no tripé: a) o totalitarismo não possui um significado real como conceito político, a não ser o que seus usuários anseiam impor ao termo, no sentido de um limite muito impreciso de interpretação; b) desde 1945, o conceito reflete nitidamente os interesses políticos-estratégicos da política externa americana em todas as etapas da Guerra Fria; c) o totalitarismo, que provavelmente já não possuía categoria política, na década de 60, perdeu sua força contra a ideologia comunista na Guerra Fria (apud FUENTES, *op. cit.*, p. 214).

Diante do exposto, fica nítida a utilização do conceito de totalitarismo no âmbito da ideologia para combater o comunismo tão somente por discordar de suas políticas. E parece que atualmente está acontecendo o inverso, pensadores, jornalistas e políticos com perspectivas antidireita (alguns assumidamente de esquerda) associam Trump a Hitler por somente discordarem de seus posicionamentos políticos. Em outras palavras, se na guerra fria a democracia ocidental combatia o comunismo com ideologia; na atualidade, indivíduos com afinidades políticas de esquerda, ou antidireita, tentam contrapor a direita também com ideologia.

O argumento apresentado, de forma alguma, pretende amenizar as atitudes de Trump, pois seus comportamentos, bem como seus discursos, soam como elementos de destruição da democracia e da alteridade. Parece que o líder americano adere a democracia teatralmente.

Ainda, como elemento de alerta, deve-se destacar que a democracia nem sempre é opositora de fenômenos totalitários, pois ela pode abrigar potenciais totalitários dentro de si, assim como fez Hitler com seus plebiscitos. A grande contradição está no fato de que a própria democracia pode engendrar o regime totalitário. Por isso, realmente, a sociedade deve ficar alerta.

Apesar de situarem, exageradamente, Trump ao lado dos líderes totalitários, formadores de opinião e pesquisadores o fazem para que não aconteça o que ocorreu no passado, tempo em que Hitler ia ascendendo e seus discursos eram amenizados. Parece que os meios de comunicação estão mais dispostos a errar em prol de uma precaução exacerbada contra a insurgência de uma outra persona totalitária do que a deixar ressurgir tranquilamente sem oposição alguma, como ocorreu no passado.

Em contrapartida, somente classificá-lo ideologicamente como líder totalitário não resolve a questão, pois o termo totalitário é tendencioso, limitado e ambíguo. Tal rótulo é inútil para aqueles que pretendem compreender além da superficialidade. De acordo com Traverso (2005, p.107), “Todos os analistas que tentaram entender o funcionamento de uma sociedade além da fachada de seu regime, sua aparência externa, tiveram que abandonar a categoria analítica do totalitarismo”. Sendo assim, a fim de compreender a contemporaneidade, por que se deveria retornar para um conceito inapto?

Em vista disso, será mais proveitoso revisitar os movimentos do totalitarismo ao longo da história e assim extrair elementos que possam contribuir com a complexa questão e, a partir de então, formular possíveis esclarecimentos para atuais dinâmicas políticas de Donald Trump. Dessa maneira, as diversas contribuições de Hannah Arendt ao pensamento político e filosófico contemporâneo podem ser extremamente úteis como ferramenta de análise, frente aos possíveis domínios totais ou qualquer faísca de ressurgimento desse abominável modo de governo.

Certamente, alguns irão destacar as controvérsias do pensamento arendtiano, principalmente no tocante a sua obra de maior influência no ocidente – *Origens do totalitarismo*. Não obstante, justamente tais polêmicas podem ser muito apropriadas para a análise do cenário político atual. Em outras palavras, não somente os acertos, mas

também as análises parciais de Arendt poderão trazer esclarecimentos frente aos abstrusos líderes políticos que têm surgido na atualidade, pois podem indicar possíveis soluções a não serem implementadas.

No entanto, é mister lembrar que, embora as observações arendtianas possam trazer lucidez aos acontecimentos presentes, não se pode perder de vista que a análise de Arendt se concentra sobre os acontecimentos histórico-políticos do período em que viveu. Portanto, seu arcabouço teórico não terá todas as soluções teóricas para a compreensão dos problemas atuais.

Por fim, o texto aqui apresentado de modo algum pretende esgotar o assunto proposto. Trata-se mais de uma introdução com o intuito de lançar algum fulgor às complexas relações sociais exploradas pelas ciências políticas, bem como estimular a produção de estudos atuais sobre governos contemporâneos cujos líderes possuem elementos associáveis ao totalitarismo. Ademais, o presente artigo pretendeu preencher uma lacuna percebida na literatura contemporânea sobre Trump e Totalitarismo, porquanto após levantamentos nas bases de dados das plataformas *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo* não foram encontradas produções acadêmicas com a temática trabalhada neste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, K.; PATTERSON, T. G. Red Fascism: The Merger of Nazi Germany and Soviet Russia in the American Image of Totalitarianism, 1930~-1950's", American, *Historical Review*, Vol. 75, n 4, United States, 1970.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Salamandra; Edusp, 1981.

_____. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios) 1930-54*. Tradução Denise Bottman; organização, introdução e notas Jerome Kohn. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1968.

_____. *The Jew as Pariah – Jewish identity and politics in the modern age*. Edited and with an introduction by Ron Feldman. New York, Grove Press, 1978.

_____. *Origens do totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANOVAN, Margaret. *The political thought of Hannah Arendt*. New York-London, Ed. Harvert-HJB, 1974.

DUARTE, André. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FUENTES, Juan-Francisco. Totalitarismo: origen y evolución de un concepto clave, en *Revista de Estudios Políticos*, núm. 134, España: CEPC, 2006.

LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. *Crítica Marxista*, n. 17, Campinas, 2003.

RABINBACH, Anson. Moments of Totalitarianism, en *History and Theory*, vol. 45, United States: Wesleyan University, 2006.

SPIRO, H. J.; BARBER, B. R. Counter-Ideological Uses of "Totalitarianism". *Politics & Society*, nº3, United States, 1971.

TRAVERSO, E. El totalitarismo. Usos y abusos del concepto, en *Las escalas del pasado. IV Congreso de Historia Local de Aragón. Huesca*, 2005.